

**OS RISCOS DA AUTOMEDICAÇÃO PELO USO DE BENZODIAZEPÍNICOS PARA
O TRATAMENTO DA ANSIEDADE**

**THE RISKS OF SELF-MEDICATION THROUGH THE USE OF
BENZODIAZEPINES TO TREAT ANXIETY**

Arielle Diane de Albuquerque Silva

Graduanda em farmácia pelo Centro Universitário Tabosa de Almeida (ASCES-
UNITA) Caruaru, Brasil.

e-mail: ariellediane9@gmail.com

Adson Antônio dos Santos

Farmacêutico, Especialista em farmácia hospitalar e acompanhamento oncológico,
Secretaria Municipal de Caruaru, Caruaru, Brasil.

e-mail: adsonguedes7@gmail.com

Larissa Rodrigues Nunes

Médica, Especialista em Medicina da Família, Bezerros, Brasil.

e-mail: laranunesmed@gmail.com

Gleiciane Adrielli Souza Guinho

Graduanda em farmácia pelo Centro Universitário Tabosa de Almeida (ASCES-
UNITA) Caruaru, Brasil.

e-mail: gleicianeguinho@gmail.com

Vitória Karine Alves de Sousa

Graduanda em farmácia pelo Centro Universitário Tabosa de Almeida (ASCES-
UNITA) Caruaru, Brasil.

e-mail: vitoriakarinesc@gmail.com

Resumo

O estudo trata-se de uma revisão integrativa que busca sintetizar estudos primários e resultados de pesquisas científicas sobre os riscos da automedicação com benzodiazepínicos para o tratamento da ansiedade. Para tanto, foi respondida a seguinte pergunta norteadora, "*Quais os riscos que a prática de automedicação com benzodiazepínicos para o tratamento da ansiedade pode causar?*". A coleta de dados foi realizada através das plataformas SciELO, LILACS, PubMed, Science Direct, Biblioteca Virtual em Saúde, sites de universidades e entidades federais. Foram incluídos estudos de 2016 a 2024, abrangendo ensaios clínicos, estudos de prevalência, relatos de casos como estudos primários, e revisões sistemáticas, metanálises e guias de prática clínica como estudos secundários. Foram excluídos resumos de congressos, cartas ao editor, resultados de prêmios e estudos focados em avaliação de ferramentas. Os resultados indicaram que a ansiedade é uma patologia que abrange todas as faixas etárias, causando um elevado índice de automedicação com benzodiazepínicos, que pode desencadear efeitos indesejados ao longo do tratamento, como a dependência química. Apesar dos esforços dos profissionais da saúde e dos incentivos à educação em saúde para minimizar essa prática, ainda assim, tal eixo temático é considerado um problema de saúde pública que deve ser melhor direcionado. As considerações finais destacam que a conscientização sobre a prática de automedicação com benzodiazepínicos para o tratamento da ansiedade é um trabalho que deve ser realizado junto com toda uma equipe de profissionais da saúde, além de políticas de educação mais eficazes para a população.

Palavras-chave: Ansiedade, Automedicação, Ansiolíticos.

Abstract

The study is an integrative review that seeks to synthesize primary studies and results of scientific research on the risks of self-medication with benzodiazepines for the treatment of anxiety. To this end, the following guiding question was answered, "What are the risks that self-medication with benzodiazepines for the treatment of anxiety can cause?" Data collection was carried out through the SciELO, LILACS, PubMed, Science Direct, Virtual Health Library, university and federal entity websites. Studies from 2016 to 2024 were included, covering clinical trials, prevalence studies, case reports as primary studies, and systematic reviews, meta-analyses and clinical practice guides as secondary studies. Conference abstracts, letters to the editor, award results and studies focused on tool evaluation were excluded. The results indicated that anxiety is a pathology that affects all age groups, causing a high rate of self-medication with benzodiazepines, which can trigger unwanted effects throughout treatment, such as chemical dependency. Despite the efforts of health professionals and incentives for health education to minimize this practice, this thematic axis is still considered a public health problem that must be better addressed. The final considerations highlight that raising awareness about the practice of self-medication with benzodiazepines to treat anxiety is work that must be carried out together with an entire team of health professionals, in addition to more effective education policies for the population.

Keywords: Anxiety, Self-medication, Anxiolytics.

1. INTRODUÇÃO

O transtorno de ansiedade é caracterizado por uma reação emocional, sendo a combinação de fatores ambientais e genéticos os principais responsáveis pelas alterações psíquicas e somáticas. Podem ser englobados no conceito de transtornos de ansiedade: Transtorno de Pânico, Transtorno Obsessivo Compulsivo, Transtorno de Ansiedade Social ou Fobia Social e o Transtorno de Ansiedade Generalizada. Como características dessas patologias podemos destacar expectativa apreensiva, preocupação exagerada, pensamentos, imagens ou impulsos obsessivos, tremores,

sudorese excessiva, dificuldade de concentração, palpitação, tontura e sensação de desmaio (Brasil *et al.* 2022).

Dessa forma, o diagnóstico precoce para o tratamento da ansiedade é imprescindível, a fim de que seja realizado um acompanhamento eficaz a longo prazo para alcançar resultados favoráveis e minimizar os danos. A primeira linha de tratamento proposta aos pacientes devem ser sugestões não farmacológicas, que estejam atreladas ao estilo de vida, como: alimentação saudável, higiene do sono, prática regular de exercícios físicos, meditação, exercícios respiratórios e relaxamento. Em segundo plano, ou de forma combinada, deve ser utilizado um perfil de tratamento farmacológico prescrito por um médico, que acompanhe de forma efetiva a resposta terapêutica (Brasil *et al.*, 2024).

No entanto, opondo-se a esse critério, é comum que ocorra a prática da automedicação, o que tem exposto a população a diversos medicamentos, resultando em sérios comprometimentos à saúde. Devido à exposição inadequada a esses fármacos, a administração indevida ou sem orientações corretas, pode provocar casos graves de intoxicação, tolerância, dependência e crises de abstinência durante a retirada dos medicamentos (Rangel *et al.*, 2018).

Uma das classes terapêuticas mais associadas aos casos de intoxicações medicamentosas são os ansiolíticos, medicamentos que visam controlar a ansiedade, exercendo efeitos sobre emoções, humor e comportamento. Os principais representantes dessa classe são os benzodiazepínicos, que são fármacos com propriedades ansiolíticas, hipnóticas, anticonvulsivante, relaxantes e adjuvantes anestésicos. Fármacos como Diazepam, Clonazepam, Alprazolam e Midazolam, estão entre os medicamentos ansiolíticos mais prescritos a nível mundial (Carvalho *et al.*, 2016).

O uso abusivo de ansiolíticos pela população tornou-se uma questão de saúde pública. O consumo crônico dessas substâncias ao longo de meses ou anos pode levar à dependência química, resultando em severos impactos na vida social do usuário. A abstinência provoca sintomas prejudiciais, incluindo irritabilidade, insônia, dor no corpo e até convulsões. (Favero *et al.*, 2018).

Dessa forma, o aumento do tempo de uso de medicamentos ansiolíticos está associado a maiores dificuldades para interromper o seu uso, acentuando as chances de desenvolvimento da síndrome de abstinência. Uma pesquisa evidenciou que cerca de 30% dos usuários de ansiolíticos que tentaram interromper o uso, não obtém

sucesso, devido à manifestação de sintomas como nervosismo, insônia, agitação, inquietude, pânico, cefaleia e tremores. Além disso, os ansiolíticos não devem ser interrompidos abruptamente, sua suspensão deve ocorrer de forma gradual no período de 6 a 8 semanas para minimizar os efeitos adversos (Nunes; Bastos, 2016).

Ademais, é possível evidenciar o uso de ansiolíticos em diferentes faixas etárias, podendo destacar o aumento da utilização por indivíduos idosos, visto que essa parcela da população vem apresentando índices elevados de quadros de ansiedade. A utilização de ansiolíticos, especialmente benzodiazepínicos, está se tornando cada vez mais frequente e está relacionada à elevada vulnerabilidade desse grupo a transtornos mentais. Destacam-se as alterações no humor e a ansiedade como os sintomas mais prevalentes entre eles, resultando na prática comum do uso crônico de fármacos psicotrópicos (Alvin *et al.*, 2017).

Sendo assim, é crucial abordar de maneira responsável e consciente o uso desses medicamentos para evitar consequências adversas, visto que essa classe farmacológica apresenta elevado potencial de risco quando utilizada sem orientação profissional, podendo gerar efeitos tóxicos prejudiciais. Além disso, a automedicação com ansiolíticos pode levar à dependência, agravando o quadro clínico dos usuários e retardando a melhora e cura (Rivera *et al.*, 2021).

Diante da relevância do assunto, é necessário evidenciar os riscos da automedicação pelo uso de ansiolíticos para o tratamento da ansiedade. O presente estudo busca abordar tal prática, e servir como referência para estudantes da área da saúde e como base para futuras pesquisas relacionadas a essa temática.

2. METODOLOGIA

O estudo trata-se de uma pesquisa exploratória de caráter bibliográfico, constituindo uma revisão da literatura, que conduziu uma síntese de artigos que abordaram a automedicação de ansiolíticos benzodiazepínicos, e os riscos associados.

Para tanto, foi realizado um levantamento bibliográfico nas plataformas PubMed (National Center for Biotechnology Information NCBI), SCIELO (Scientific Electronic Library Online), Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Plataformas de Universidades e Entidades Federais. No intuito de reunir as publicações mais recentes do tema, foram utilizados os descritores consultados ao DECS (descritores em

ciências da saúde), ansiedade, automedicação, ansiolíticos, nos idiomas português, inglês e espanhol.

Foram incluídos na pesquisa estudos primários e secundários, disponíveis em todos os idiomas, com publicação datada de 2016 a 2024. A seleção dos artigos foi definida entre aqueles que apresentaram dados concretos nos resultados, estudos pertinentes a área desse estudo, e que atenderam os objetivos da pesquisa.

Após aplicação das estratégias de busca nas bases de dados, inicialmente foram selecionados 42 artigos no total. Na primeira etapa da avaliação, 22 estudos foram excluídos por não apresentarem os termos previamente estabelecidos. Sendo 20 artigos pré-selecionados para a leitura do tema, resumo e palavras-chaves. Ao final da leitura dos resumos, foram selecionados 19 artigos, os quais foram avaliados e incluídos nesta revisão.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A seleção final dos estudos utilizados para a discussão do artigo está descrita no quadro 1, que apresenta uma análise evidenciando os autores/ano, objetivo do estudo e os resultados encontrados na pesquisa.

Quadro 1. Estudos clínicos sobre a automedicação pelo uso de benzodiazepínicos

AUTOR/ANO	OBJETIVO DO ESTUDO	RESULTADOS
<i>Coimbra et al., (2021)</i>	Avaliar o uso de antidepressivos e ansiolíticos por acadêmicos do curso de enfermagem.	Foi constatado que cerca de 16% dos entrevistados fazem utilização dessa classe medicamentosa, sendo que cerca de 52% citaram os ansiolíticos como os mais

		utilizados. Em sua maioria sob prescrição médica e de forma contínua.
<i>Brito et al., (2021)</i>	Analisar o consumo de ansiolíticos e antidepressivos em estudantes do curso de medicina.	Cerca de 40% dos entrevistados alegaram sentir ansiedade diariamente e fazer uso de ansiolíticos, o fácil acesso por parte dos acadêmicos de medicina sugere que a maioria não busca tratamentos alternativos.
<i>Azevedo et al., (2016)</i>	Analisar a distribuição e a frequência de consumo de ansiolíticos benzodiazepínicos nas 27 capitais brasileiras.	O crescente número de medicalização da sociedade moderna pode estar associado a densidade demográfica nas grandes capitais, sugerindo a valorização da educação médica continuada e o estímulo às parcerias multiprofissionais.
<i>Costa et al., (2022)</i>	Avaliar o perfil dos usuários de benzodiazepínicos de uma drogaria comercial da cidade goiana de Porteirão e as características de sua utilização.	Destaca-se uma alta prevalência na administração de clonazepam e alprazolam, para o tratamento da ansiedade. 78% dos pacientes informaram que nunca tiveram alteração de dose e que não sabem se o tratamento deve ser contínuo ou relativo ao seu prognóstico.
<i>Oliveira et al., (2020)</i>	Investigar a tendência do uso de benzodiazepínicos entre idosos a partir de 75 anos residentes em comunidade.	Foi possível evidenciar um importante aumento no uso de benzodiazepínicos quando comparado a população de 1997 e 2012, em especial o clonazepam, o que pode ser um risco para a saúde dos idosos se utilizado de forma crônica.

<i>Aparecido et al., (2017)</i>	Avaliar o uso abusivo de benzodiazepínicos entre mulheres de 20 a 40 anos, além de destacar as contribuições do farmacêutico no uso racional de medicamentos.	O uso indiscriminado de benzodiazepínicos pode causar uma dependência ao medicamento, tornando-se necessário que haja um receituário médico e uma orientação farmacêutica para assegurar um tratamento seguro e eficaz.
<i>Barbosa et al., (2021)</i>	Avaliar o impacto dos medicamentos benzodiazepínicos na qualidade de vida de pessoas com transtorno de ansiedade generalizada	Quando utilizado de forma correta, sob orientação médica os benzodiazepínicos mostram-se eficazes no tratamento da ansiedade.
<i>Bonafé et al., (2016)</i>	Estimar o consumo de medicamentos, prática de automedicação e o nível de Depressão, Ansiedade e Estresse de pacientes odontológicos e sua relação com as variáveis demográficas.	O consumo de medicamentos e a prática de automedicação estiveram associados com características demográficas e os maiores escores da DASS-21 foram encontrados.
<i>Silva et al., (2021)</i>	Analisar o perfil de ansiedade e uso de ansiolíticos por alunos concluintes dos cursos das áreas de saúde da Faculdade São Francisco da Paraíba – FASP.	Mesmo conhecendo os riscos da automedicação, cerca de 64% dos entrevistados afirma realizar tal prática, além disso 71% dos estudantes afirmam terem se tornado mais ansiosos ao final da graduação
<i>Moura, (2021)</i>	Analisar o padrão de uso de benzodiazepínicos entre estudantes universitários e sua relação com estresse psicológico, transtorno mental e comportamento suicida.	A utilização de ansiolíticos e a prática de automedicação podem ser consideradas um problema a ser levantado entre os estudantes universitários, visto que mesmo conhecendo os riscos da automedicação, essa ainda é uma prática usual.

Fonte: Autores, 2024.

Um estudo realizado por Coimbra (2017), entrevistou 79 alunos do curso de enfermagem, e cerca de 16% deles afirmaram fazer uso de medicamentos antidepressivos. Entre os entrevistados que fazem uso, cerca de 52% mencionou o uso diário de ansiolíticos e admitiu já ter interrompido o tratamento em algum momento sem orientação médica, apesar do conhecimento sobre os riscos e procedimento adequado, além disso um percentual de 76,92% afirmou conhecer os efeitos adversos advindos do uso indiscriminado de ansiolíticos e que a remoção do medicamento deve ser feita de forma gradual.

Corroborando com o estudo acima uma pesquisa realizada por Brito e Silva (2021), fornece uma visão abrangente do uso de psicotrópicos, especialmente ansiolíticos e antidepressivos, entre acadêmicos de medicina no Brasil, a distribuição etária dos participantes foi de 44% entre 22 e 25 anos e 40,3% dos participantes relataram sentir ansiedade diariamente. O destaque para o uso de inibidores seletivos de recaptção de serotonina, entre os antidepressivos e benzodiazepínicos entre os ansiolíticos sugere uma preferência por medicamentos comumente prescritos para tratar essas condições, podendo refletir a prática médica comum ou a influência de experiências pessoais.

Com o objetivo de analisar a distribuição e a frequência de consumo de ansiolíticos benzodiazepínicos nas 27 capitais brasileiras, além de avaliar a correlação entre esse consumo e diversas características demográficas, epidemiológicas, econômicas e sociais, o estudo realizado por Azevedo (2016), pode observar uma média de 9,33% para o percentual de idosos, tendo variação de 12,57 a mais de 7.700, valores médios para as taxas de analfabetismo e IDH respectivamente de 7,92% e 0,776, além de destacar a diminuição no consumo de Diazepam e aumento no consumo dos demais benzodiazepínicos. Esses dados sugerem que o crescente número de medicalização da sociedade moderna pode estar associado a densidade demográfica nas grandes capitais, sugerindo a valorização da educação médica continuada e o estímulo às parcerias multiprofissionais.

Desse modo, um estudo realizado por Costa (2022), buscou avaliar o perfil dos usuários de benzodiazepínicos, em uma drogaria particular da cidade de Goiana de Porteirão e as características de sua utilização. Como resultado da pesquisa realizada com 60 pacientes, foi possível evidenciar uma alta prevalência na administração de

clonazepam e alprazolam, em sua maioria a prescrição foi realizada para o tratamento da ansiedade. Com 78% dos pacientes informando que nunca tiveram alteração de dose e que não sabem se o tratamento deve ser contínuo ou relativo ao seu prognóstico, evidenciando assim uma falta de orientação ao paciente, o que leva a um uso indiscriminado.

Entre os grupos de pacientes que têm se destacado devido a sua elevada taxa de utilização de benzodiazepínicos, podemos destacar a população idosa, o que levou Oliveira *at al.*, (2020) a investigar a tendência do uso de benzodiazepínicos entre idosos a partir de 75 anos residentes em comunidade. Através de um estudo longitudinal realizado pelo Projeto Bambuí em 1997 e os sobreviventes em 2012 o estudo buscou repetir as mesmas perguntas para um grupo de idosos do mesmo perfil, obtendo resultados preocupantes, visto que foi possível evidenciar um importante aumento no uso de benzodiazepínicos, em especial o clonazepam, o que pode ser um risco para a saúde dos idosos se utilizado de forma crônica.

Em outro estudo realizado por Aparecido (2017), foi possível observar a falta de orientação por parte dos pacientes que administram diariamente benzodiazepínicos para controle do sono e ansiedade, tendo sido realizada uma pesquisa com 40 pacientes, onde cerca de 27% afirma fazer a utilização de forma indiscriminada, sem prescrição médica. Além disso, cerca de 60% afirmam não ter recebido nenhum tipo de orientação sobre o uso dos fármacos, o que aumenta os riscos da automedicação e reforça a necessidade de prescrições seguras e dispensações orientadas por profissionais farmacêuticos, a fim de tornar a terapêutica eficaz e segura.

Buscando avaliar o impacto dos medicamentos benzodiazepínicos na qualidade de vida de pessoas com transtorno de ansiedade generalizada, em um estudo realizado por Barbosa *et al.*, (2021), foram entrevistadas 41 pacientes de uma drogaria, localizada na cidade de Vitória da Conquista (BA). Entre os impactos que mais ganharam destaque segundo os pacientes, estão a sedação excessiva (21,6%), dependência (19%), letargia (16,7%), diminuição dos reflexos (13,8%) e tolerância (12,6%), no entanto cerca de 47% dos pacientes afirmam ter tido uma diminuição significativa nos quadros de ansiedade, dessa forma os benzodiazepínicos mostram eficácia no tratamento da ansiedade desde que sejam administrados corretamente.

Utilizando a escala de ansiedade, depressão e estresse (DASS -21), um estudo realizado por Bonaf (2016), avaliou o consumo de medicamentos e a prática de

automedicação em 209 pacientes, atendidos na Faculdade de Odontologia de Araraquara. Para caracterização da amostra foram levantadas informações demográficas e um questionário acerca da automedicação, além da escala DASS-21, tendo como resultado a prática de automedicação entre aqueles que consumiram antidepressivos e ansiolíticos, sendo que 20% dos indivíduos que relataram consumir antidepressivo e 9% dos que relataram consumir ansiolítico no mês em que foram entrevistados não haviam consumido esses medicamentos na semana anterior, o que levanta uma preocupação acerca dos efeitos fisiológicos que essa utilização de forma indiscriminada pode apresentar.

Tendo em vista todas essas questões acerca da automedicação, Silva *et al.* (2021) realizou um estudo a fim de analisar o perfil de ansiedade e uso de ansiolíticos por alunos concluintes dos cursos das áreas de saúde da Faculdade São Francisco da Paraíba – FASP. Para isso, foram coletados dados de 42 participantes, que responderam a dois questionários, um de caráter sociodemográfico e análise de ocorrência de automedicação e o inventário de ansiedade BECK-BAI, como resultado o estudo sugere que cerca de 71% dos entrevistados tornaram-se pessoas mais ansiosas no final do percurso acadêmico, quando comparadas ao início, além disso cerca de 64% dos estudantes realizam a prática da automedicação, mesmo 100% tendo afirmado reconhecer os riscos associados.

Dessa forma, um estudo realizado por Moura (2021), buscou analisar o padrão de uso de benzodiazepínicos entre estudantes universitários de graduação de uma Instituição Federal de Ensino Superior e sua relação com estresse psicológico, transtorno mental e comportamento suicida. O percentual de uso de ansiolítico nos últimos 12 meses foi de aproximadamente 22%, sendo deles 14% sem prescrição médica. Outro ponto levantado pelo estudo foi a utilização dos ansiolíticos a tentativa de suicídio, o que caracteriza um problema de saúde pública ainda maior, sendo necessária a otimização das estratégias de cuidado em saúde mental, para a fim de diminuir a ocorrência de tais quadros, bem como educação em saúde sobre o uso não prescrito de psicotrópicos sobretudo quanto ao potencial de dependência.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo a combinação de fatores ambientais e genéticos, o transtorno de ansiedade afeta crianças, jovens, adultos e idosos, podendo ser caracterizado de formas distintas e particulares. Dessa forma, obter um diagnóstico precoce é essencial

para escolher a linha terapêutica mais adequada, que busque oferecer um controle sob o quadro e evite crises prolongadas, em casos de tratamento farmacológico, podemos destacar o uso de ansiolíticos, que são fármacos com eficácia comprovada.

Mesmo sendo a linha de frente no tratamento da ansiedade, o estudo apresenta altos índices de automedicação com ansiolíticos, o que sugere um de saúde pública. Apesar de conhecer os riscos da automedicação boa parte dos pacientes que fazem a utilização desses fármacos não seguem nenhum tipo de orientação acerca de sua administração, o que leva a utilização crônica, além de desencadear intoxicação ou tolerância medicamentosa.

Ao explorar fatores sociodemográficos dos pacientes que utilizam de forma indiscriminada ansiolíticos, é possível observar um padrão referente aos impactos provocados na qualidade de vida desses pacientes, em sua maioria as colocações acerca da sedação excessiva, dependência do sono e tolerância medicamentosa. Dessa forma, estudos a fim de comprovar os riscos da automedicação por ansiolíticos para o tratamento da ansiedade são evidentemente essenciais, bem como, a ampliação e manutenção das políticas de educação em saúde para a população, destacando a importância dos profissionais de saúde estarem envolvidos na prevenção e orientação.

REFERÊNCIAS

APARECIDO, Joice Gonçalves; DA MATA, Liliane Cunha Campos. Uso abusivo de benzodiazepínicos entre mulheres de 20 a 40 anos de morada nova de minas-mg: contribuições do farmacêutico no uso racional de medicamentos. **Revista Brasileira de Ciências da Vida**, v. 5, n. 1, 2017.

ALVIM, Mariana Macedo *et al.* Prevalência e fatores associados ao uso de benzodiazepínicos em idosos da comunidade. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 20, p. 463-473, 2017.

AZEVEDO, Ângelo José Pimentel de; ARAÚJO, Aurigena Antunes de; FERREIRA, Maria Ângela Fernandes. Consumo de ansiolíticos benzodiazepínicos: uma correlação entre dados do SNGPC e indicadores sociodemográficos nas capitais brasileiras. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 21, p. 83-90, 2016.

BARBOSA, Gean Cardoso Leite; FERRAZ, Jamille Leal; ALVES, Leia Alexandre. Impactos de medicamentos benzodiazepínicos na qualidade de vida de pessoas portadoras de transtorno de ansiedade generalizada. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 15, p.

BONAFÉ, Fernanda Salloume Sampaio; CARVALHO, Jéssica Souza; CAMPOS, Juliana Alvares Duarte Bonini. Depressão, Ansiedade E Estresse E A Relação Com O Consumo De Medicamentos. **Psicologia, Saúde e Doenças**, v. 17, n. 2, p. 105-119, 2016.

BRASIL, Ministério da saúde. Transtornos de ansiedade podem estar relacionados a fatores genéticos. Ministério da saúde, 2022.

Brasil, Ministério da saúde. Tratamento Do Transtorno De Ansiedade Generalizada, ebserh, 2024.

BRITO, Jhenefr Ribeiro *et al.* Consumo de ansiolíticos e antidepressivos: uma análise sobre o uso entre estudantes de medicina. 2021.

CARVALHO, Edina Ferreira de *et al.* Perfil de dispensação e estratégias para uso racional de psicotrópicos. 2016.

COIMBRA, Marla Brenda Pires *et al.* Avaliação do uso de antidepressivos e ansiolíticos por acadêmicos do curso de enfermagem. **Revista Univap**, v. 27, n. 53, 2021.

COSTA, Camilla Oleiro da *et al.* Prevalência de ansiedade e fatores associados em adultos. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 68, p. 92-100, 2019.

COSTA, Renata Silva Oliveira *et al.* Uso de benzodiazepínicos na cidade de Porteirão, Goiás. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 6, p. e35411629187-e35411629187, 2022.

FÁVERO, Viviane Rosset; SATO, Marcelo del Olmo; SANTIAGO, Ronise Martins. Uso De Ansiolíticos: Abuso Ou Necessidade?. *Visão Acadêmica*, [S.l.], v. 18, n. 4, fev. 2018.

MOURA, Caio Júlio César de. Uso de benzodiazepínicos entre estudantes de nível superior. trabalho de Conclusão de Curso. **Repositório UFPE**. 2021.

NUNES, Bianca Silva; BASTOS, Fernando Medeiros. Efeitos colaterais atribuídos ao uso indevido e prolongado de benzodiazepínicos. **Saúde & ciência em ação**, v. 2, n. 2, p. 71-82, 2016.

OLIVEIRA, Aline Luiza Marcondes Lopes *et al.* Aumento da utilização de benzodiazepínicos entre idosos mais velhos: Projeto Bambuí. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 23, 2020.

RANGEL, Nayara Landim; FRANCELINO, Eudiana Vale. Caracterização do Perfil das Intoxicações Medicamentosas no Brasil, durante 2013 a 2016. **ID on line. Revista de psicologia**, v. 12, n. 42, p. 121-135, 2018.

RIVERA, Juan Gonzalo Bardález *et al.* Impacto da automedicação de fármacos benzodiazepínicos. **Brazilian Applied Science Review**, v. 5, n. 4, p. 1767-1780, 2021.

SILVA, Nathália Keveny Grangeiro *et al.* Perfil de ansiedade e automedicação de alunos concluintes de cursos da área de saúde em uma faculdade no alto sertão da paraíba. **Visão Acadêmica**, v. 22, n. 1, 2021.